

EXPERIENCIAR MUSEUS: UM OLHAR SOBRE O MUSEU DA PESSOA

Rosana Miziara¹

RESUMO: O artigo propõe uma reflexão a partir de exemplos de práticas museológicas do Museu da Pessoa – que trabalha com a memória oral – sobre o tipo de experiência que um museu pode oferecer a seu público e qual o papel dos museus no mundo contemporâneo. Dois exemplos de ação do museu são apresentados: o primeiro, de 2010, quando foi redesenhada a cabine de captação de depoimentos, o que permitiu levar para as comunidades a possibilidade de experienciarem o Museu da Pessoa para além de seus muros; o segundo, de 2014, trouxe para o museu a captação de histórias de transexuais e travestis que trabalham sobretudo na rua Major Sertório, região central da cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: museu; Museu da Pessoa; memória oral; público; identidade.

ABSTRACT: The article proposes a reflection, from examples of museological practices of the Museum of the Person, who works with the oral memory, about the kind of experience that a museum can offer to your audience and what the role of the museums in the contemporary world. Two examples of actions of the museum are presented. The first, in 2010, when the cabin that makes the records of the stories outside the museum was redesigned, which enabled to communities take the chance for experiencing the Museum of the Person beyond its walls. The second, in 2014, brought to the museum, to the captation of their stories, transsexuals and transvestites who work mainly in the street Major Sertório, central region of São Paulo.

KEYWORDS: museum; Museum of the Person; oral memory; public; identity.

“As memórias de mim mesmo me ajudaram a entender as tramas das quais fiz parte”

Paulo Freire (entrevistado pelo Museu da Pessoa em 1992)

Nos idos de 1986, discutiam-se a validade e a questão da veracidade histórica do relato oral. No último ano da faculdade, 1989, fui estagiária do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da cidade de São Paulo (SMC), onde trabalhei num projeto inovador sobre memória oral da cidade

¹ Doutoranda em História pela PUC-SP e coordenadora do Museu da Pessoa.

de São Paulo, coordenado pela professora e socióloga Maria Célia Paolli, que foi convidada pela então secretária de cultura Marilena Chaui para implementar esse programa. Essa experiência me levou a fazer parte dos quadros daquela secretaria naquele período em que o grande desafio era a implementação da política de cidadania cultural².

Em 1992, participei do Congresso Internacional “Patrimônio Histórico e Cidadania”, promovido pelo DPH/SMC-SP. O título do cartaz que chamava para o Congresso – assim como o da publicação que reuniu parte do material nele apresentado – era “O direito à memória”. A professora Maria Clementina Pereira da Cunha, chefe de divisão no DPH, ressalta, no início da apresentação da publicação: “concebida para ser uma simples chamada no cartaz do Congresso, a expressão – O direito à memória – transformou-se em um slogan rapidamente incorporado pelos especialistas presentes ao encontro, e tornou-se objeto de um debate que apenas se inicia em nosso país” (Cunha, 1992, p. 9). A questão básica, que se colocava naquele momento, é o quanto o direito ao passado constitui-se como uma das dimensões fundamentais da plena cidadania. Nessa mesma época, houve um seminário, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, sobre memória oral, com o historiador Paul Thompson.

Em 1998, apareceu uma oportunidade e me candidatei para trabalhar no Museu da Pessoa, onde permaneci por seis anos, ocasião em que me tornei sócia-fundadora do Instituto Museu da Pessoa.net. Em agosto de 2003, o Museu da Pessoa organizou, juntamente com o Sesc São Paulo, o seminário “Memória, Rede e Mudança Social”. Naquele momento, reuniram-se estudantes, profissionais, pesquisadores e líderes comunitários para discutir como estes temas – memória, redes e mudança social – se entrelaçavam. O encontro deu origem a uma publicação, História falada: memória, rede e mudança social (Worcman; Pereira, 2006).

Em 2010, fui convidada a voltar para o Museu da Pessoa, onde me tornei coordenadora do programa “Conte sua História”. O desafio que se colocava era como desenvolver as “ações culturais” do Museu da Pessoa, que é essencialmente um museu virtual com uma pequena sede física no bairro da Vila Madalena, em São Paulo.

Ingressar no Curso Sesc de Gestão Cultural do CPF me proporcionou transformar o desafio de voltar ao Museu da Pessoa em reflexão para o meu TCC, o que contribuiu para pensar sobre algumas práticas de atuação do Museu da Pessoa e suas relações com os diferentes tipos de públicos. Essa questão aparentemente simples pode ser provocadora no sentido de nos levar a uma questão de base maior que é pensar, após vinte e quatro anos de existência, que Museu podemos e queremos ser e de que maneiras podemos atuar a partir desse entendimento.

Para desenvolver este artigo, vou me valer de um estudo de caso de ação do Museu da Pessoa. Trata-se da instalação da unidade móvel do

Museu no Jardim Silvina, bairro de São Bernardo do Campo, dentro do projeto “Minha Casa Minha Vida”. Além desse estudo de caso, tratarei da parceria que fizemos com o Instituto Cultural Barong, que trabalha com os direitos de travestis e transexuais.

Neste percurso, destaco algumas questões que se colocam na discussão contemporânea no universo dos museus: 1. Que experiências o público pode ter quando visita um museu?; 2. Qual espaço um museu com a proposta do Museu da Pessoa pode ocupar na cidade e no país?; 3. Como se dá o processo de mediação entre o Museu da Pessoa e o seu público?

A museóloga Rosali Maria Nunes Henriques, colaboradora do Museu da Pessoa desde a sua fundação e cuja dissertação de mestrado é referência obrigatória para se estudar a história do Museu da Pessoa, salienta que

a partir das mudanças do conceito de patrimônio surgiu uma nova visão de uma museologia mais participativa, através do movimento da Nova Museologia. A partir dos anos 60, muda-se a concepção de museu, mas também do público, que deixa de ser um mero observador e passa a participar ativamente do processo museológico.

(Henriques, 2004, p. 41).

Em agosto de 2013, participei do ICOM (International Council of Museums) que aconteceu no Rio de Janeiro. Eram 35 comitês temáticos, e participei do Intercom, o comitê dos direitos humanos, o qual me pareceu ser o que mais diretamente se relacionava com as questões que se colocavam (e se colocam) para o Museu da Pessoa. A participação no ICOM me propiciou perceber como esse museu está em consonância com seu tempo, podendo intercambiar experiências com outros museus e, sobretudo, aprender com experiências de outras iniciativas que acontecem fora desses espaços.

Segundo o diretor do British Museum David Flemming, na palestra “Museums and Human Rights”, os museus devem fazer parte dos direitos humanos. Isso é uma ideia relativamente nova e controversa. Os museus devem ser socialmente responsáveis, já que desempenham um papel importante na geração de justiça social, aceitando todos os tipos de público, por isso a preservação dos direitos humanos deveria residir no coração dos museus. Hoje existe uma tendência em se ter mais interesse pelas pessoas do que pelas obras, e isso atrai mais público, na medida em que pessoas se identificam com pessoas.

Por meio de atividades educativas podemos transformar as pessoas, o que seria dar um passo além de formar somente coleções, que não deveria ser a finalidade última desses espaços culturais. O trabalho com a comunidade tem que ganhar uma relevância maior. Um museu que trabalha no campo dos direitos humanos proporciona uma experiência com a emoção, e é necessário um vínculo emocional para aprender. Estamos trabalhando

com questões humanas diversas quando trabalhamos com direitos humanos: negros, homossexuais, índios, pobres, trata-se de um desafio de coragem. Flemming concluiu sua palestra dizendo que os museus precisam de parceiros – ONGs, instituições – para os temas que quer abordar. Isso é um benefício para a causa, porque o Museu tem público.

A museóloga Ying Lai, por sua vez, na palestra “The Mobile Museum Social Inclusion and Art Practices in Twain”, afirmou que o grande desafio hoje é aumentar a acessibilidade aos museus. No museu em que trabalha, Museum of Contemporary Art, em Taipei, existe o projeto “Art Express”. Trata-se da unidade móvel desse museu, meio que permite atingir um público maior e que se alia à atividade educativa. Em um ano atingiu 30.000 alunos, número trinta vezes maior que o público do Museu. Ela destacou outro programa vinculado ao museu, o “Arte para Todos”, que acontece nos centros comunitários, casas de repouso, hospitais.

No Camboja, entre 1975 e 1979, três milhões de pessoas foram assassinadas; uma geração inteira desapareceu, sendo que 75% da população têm menos de 25 anos de idade. Essa geração cresceu sem referências culturais, pois seus pais e avós foram dizimados. Existem cerca de vinte grupos de diferentes minorias. Lá existia o Cambodian Museum e o Museu Imperial, lugares para brancos e turistas. Maria Fernandez Sabau, consultora da UNESCO, na palestra “Museums for peace and memory: the revival of Cambodia” tratou de sua experiência no projeto do Museu Ecoglobal, para ser ocupado pelas minorias, um ecomuseu da destruição. O desafio que se colocava era como atrair e se conectar com histórias locais e como reconhecer o contemporâneo. Essa experiência de integrar minorias fez com que as pessoas se orgulhassem de suas tradições, como, por exemplo, aprender sobre os remédios e sobre como eram as florestas. Nesse caso, o Museu Ecoglobal serviu como uma ferramenta de mudança e não simplesmente como local de preservação.

O ex-secretário de cultura de Medelin, Jorge Melguiso, lançou a questão que intitulou sua palestra: “O que deve acontecer quando você sai de um Museu?” Nela, chama atenção para a necessidade de ressignificação da palavra “museu”. Para ele, o que está em jogo é a divisão em salas de exibição e gestão de projetos culturais. Pergunta ainda: “qual o papel dos museus na construção da cidadania?” Para Melguiso, o museu deve ser uma *Ágora*. Um museu tem que conter muitos museus, que devem sair da metalinguagem da arte, sair de suas próprias coleções e transformar-se em uma renovada vocação social. A tarefa de um museu é construir, com as comunidades, um relato que lhes é próprio, que interpele o relato oficial da história. Existe uma necessidade premente em se aprofundar os museus de territórios, museus itinerantes e de comunidades, uma vez que precisam ter responsabilidade sobre seu território imediato, sobre seu bairro, sobre sua comunidade.

É dentro dessa perspectiva de museu comprometido com as questões sociais de seu tempo, que insiro a atuação do Museu da Pessoa. De que maneira os diferentes públicos podem experienciar museus, para além da acepção do modelo clássico? Experienciar é verbo transitivo direto que significa ensaiar, verificar as qualidades de, pôr à prova; experimentar uma ponte, conhecer por experiência, sentir; experimentar alegria, sofrer, suportar, experimentar dificuldades; portanto sinônimo de experimentar. E subjacente a experienciar, está a prática de mediação. Aqui destaco a concepção de mediação definida por José Márcio Barros: “pensar a mediação como espaço de diálogos, espaço de trânsitos e trocas informacionais, simbólicas e subjetivas” (Barros, 2014, p. 15).

Em relação ao conceito de público, vale ressaltar a concepção de público destacada por Isaura Botelho e Maria Carolina Vasconcelos Oliveira:

o indivíduo deve ser considerado como ator do jogo cultural e não apenas como público; acreditamos que o paradigma de “democratização cultural”, que ainda sobrevive em certa medida, desde a década de 1960, deve evoluir para uma noção de democracia cultural, que considera a cultura em suas mais diversas manifestações, e os públicos em sua diversidade.

(Botelho; Oliveira, 2010, p. 15).

Dessa maneira, este trabalho se propõe a refletir sobre “experienciar” museus, a partir de um olhar sobre o Museu da Pessoa. Minhas inquietações a respeito das temáticas levantadas encontram-se nas três partes que compõem este artigo. Na primeira parte, sublinho os conceitos norteadores do Museu; na segunda parte trato do novo desenho da unidade móvel do Museu da Pessoa, “Museu que Anda”, e sua instalação no conjunto habitacional Jardim Silvina, como estudo de caso; na terceira, destaco a parceria do Programa “Conte sua História” com o Instituto Cultural Barong por meio do “SOS Dignidade”, programa que trabalha com os direitos civis de travestis e transexuais.

MUSEU DA PESSOA: ONDE VOCÊ FAZ PARTE DA HISTÓRIA

“Eu nunca me imaginei participar de um museu. Este trabalho é uma vacina contra o complexo de inferioridade”

Marius Gonçalves (entrevistado pelo Museu da Pessoa em 2000)

O Museu da Pessoa, desde a sua origem, pretendia ser um museu cujo acervo fosse as histórias de vida de toda e qualquer pessoa. O seu trabalho está baseado em três eixos: registro, preservação e divulgação de histórias de vida. Para entender a sua trajetória, é importante resgatar as balizas que nortearam sua criação:

A história de cada pessoa é valiosa para a construção de uma memória social. A memória oral abre espaço para a transmissão de experiências que se perdem com o passar das gerações. Coletar e organizar histórias de vida são formas importantes de produzir conhecimento. A história dá senso de identidade e pertencimento e pode estabelecer novos valores sociais. Cidadania inclui o respeito à história e aos valores de cada um. (www.museudapessoa.net)

Em 2001, o Museu incorpora os eixos norteadores para a definição de sua missão: “registrar, preservar e transformar em informação histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade, promovendo mudanças sociais por meio da reflexão sobre a identidade e valorização de indivíduos e comunidades” (www.museudapessoa.net). Atualmente, o Museu da Pessoa se define como um “museu virtual e colaborativo” que acredita que

valorizar a diversidade cultural e a história de cada pessoa como patrimônio da humanidade é contribuir para a construção de uma cultura de paz. Nossa principal missão é a de ser um museu aberto e colaborativo que transforme as histórias de vida de toda e qualquer pessoa em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos. (www.museudapessoa.net)

Importante notar que a sua definição de missão em 2001 e 2015, em sua essência, permanece a mesma, ou seja, valorização da história de vida das pessoas e das comunidades para transformação social, ou seja, a história de vida como conectora dessas transformações sociais ou para a construção de uma cultura da paz. Em 2015, a valorização das comunidades passa a ser entendida como diversidade cultural, inclusive como fruto de uma discussão que vem se colocando na área cultural a respeito do entendimento do que seja “diversidade cultural”.

É preciso tomar cuidado com a expressão “diversidade cultural”, pois ela pode levar a uma noção romântica e a confinamentos das comunidades à sua própria história. Uma espécie de cristalização de seu passado, como discute José Márcio Barros:

O enfrentamento crítico da questão sugere que se vá além da postura que confina a diversidade cultural ao passado, às tradições ou às culturas populares. Demanda também a superação de uma curiosa prática, na qual, em nome de sua proteção, se vê reforçada a preservação de fundamentalismos de matizes as mais distintas.

(Barros, 2009, p. 9)

E aqui reside, a meu ver, a importância das práticas museológicas do Museu da Pessoa ao longo de sua trajetória histórica. A partir de sua metodologia de história oral e práticas de disseminação dos conteúdos produzidos, o Museu vem buscando evidenciar, no passado dos grupos ou

das pessoas, as experiências vividas. E, ao evidenciar tais experiências, podem-se abrir caminhos para questões, expectativas e desafios que se colocam no presente para as próprias pessoas, os próprios grupos, as comunidades, os coletivos, as redes. É a partir desse horizonte que podemos entender a diversidade cultural “como construção, assumindo um papel de fonte de dinamismo social e econômico, capaz de enriquecer a condição humana no século XXI e suscitar novas relações entre memória, a criatividade e a inovação” (Barros, 2009, p. 9).

Para Jesus Martín Barbero, diversidade cultural hoje significa alteridade e multiculturalidade, sendo que a alteridade indica o desafio das culturas diferentes da hegemônica; o que para ele é impossível sem se fazer o vínculo da diferença com a desigualdade social e a discriminação política, ou seja, colocando em primeiro plano a indispensável ligação entre direitos culturais e sociais. Interculturalidade no sentido de que a comunicação é dimensão constitutiva da vida cultural, o que é acentuado hoje, quando algumas das transformações culturais “mais decisivas que estamos vivendo provêm das mutações que a rede tecnológica da comunicação atravessa, mutações que, ao afetar a percepção que as comunidades culturais têm de si mesmas, [afetam] seus modos de construir as identidades” (Martín-Barbero, 2009, p. 155).

A diversidade cultural traz em si a questão das identidades ou da identidade dos grupos, comunidades, pessoas. E aqui podemos cair na armadilha, também, de utilizar identidade simplesmente como sinônimo de raízes e origens, desvinculada do presente. Importante sublinhar a relação entre identidade e relato apontada por Martín Barbero:

O novo imaginário relaciona menos a identidade com essências e muito mais com trajetórias e relatos. Para isso, a polissemia do verbo ‘contar’ se torna amplamente significativa. “Contar” significa tanto narrar histórias como ser considerado pelos outros. O que implica que, para ser reconhecidos, precisamos contar o nosso relato, pois não existe identidade sem narração, já que esta não é somente expressiva, mas sim construtiva do que somos. Para que a pluralidade das culturas do mundo seja politicamente considerada, é indispensável que a diversidade de identidades possa ser contada, narrada.

(Martín-Barbero, 2009, p. 156)

É dentro desse contexto que podemos entender a atuação do Museu da Pessoa, que se propõe a ser um “lugar” onde a diversidade de identidades possa ser contada. Cabe destacar o que Karen Worcman, idealizadora do Museu da Pessoa, enfatiza, na apresentação da publicação *Memória, Rede e Mudança Social*:

Esse é o objetivo do Museu da Pessoa: um mundo onde a tecnologia seja utilizada para articular as narrativas e incentivar cada pessoa, grupo ou comunidade

a ser autor de sua história – própria e coletiva. Podemos vislumbrar um futuro em que a narrativa histórica da sociedade possa conter múltiplas “vozes”, incluindo, sem hierarquia, histórias de vida de indivíduos de todos os segmentos da sociedade e onde a história de cada um será um ponto de nossa teia social.

(Worcman; Vasquez-Pereira, 2006, p. 10)

O desafio contemporâneo dos museus é como abrir espaço para “memórias esquecidas” ou, ainda, como podem transmitir essas memórias para os diferentes tipos de público e a sociedade de maneira geral.

2. TODO MUNDO TEM UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

“O objetivo dos museus – presentes e futuros – não deve ser o de representar Estados, mas o de recriar o mundo de seres humanos únicos – os mesmos seres humanos que trabalharam sob regras de opressão por centenas de anos. O futuro dos museus está dentro de nossas próprias casas”

Orham Pamuk

Desde o início do Museu da Pessoa, existia a ideia de se fazer uma cabine de captação de depoimentos para circular em espaços públicos. Claudia Leonor, colaboradora do Museu desde os seus primórdios, lembra:

a cabine era um sonho. Em 1994 a oferecemos ao Metrô, que não comprou a ideia. A primeira cabine que fizemos foi em 2000, em Araraquara, para o lançamento da publicação Memórias do Comércio. Só foi em 2004 que instalamos a cabine no metrô, lotado de pessoas querendo deixar suas histórias registradas. (www.museudapessoa.net)

Em 2010, foi redesenhada a cabine de captação de depoimentos, com o objetivo de levar para as comunidades o Museu da Pessoa para além de seus muros. As pessoas não precisam ir até o Museu para deixar o seu registro ou entrar em contato com parte do acervo, mas o Museu poderia ir até as pessoas para conhecer as suas histórias. O novo desenho, bem como sua produção, foi realizado pelo cenógrafo e diretor de arte Marcelo Larrea. Em cada montagem, oito caixas são abertas e agrupadas de modo a organizar a exposição do acervo e formar um mini estúdio interno onde são gravadas as histórias das pessoas. No lado externo, podem ser vistos trechos de depoimentos que fazem parte do acervo, em vídeos, fotos e textos. O público também pode acessar o portal do Museu da Pessoa por meio de um computador. As oito caixas desmontadas formam quatro paredes estruturais, que seguem a paleta de cores do Museu da Pessoa, formando um retângulo. Depoimentos em vídeos editados do acervo do Museu da Pessoa são exibidos em *looping* por monitores instalados nas paredes da cabine. Frases, retiradas dos depoimentos, ficam passando num *lettering*. Dois monitores de fotografias passam fotos do acervo.

2.1 “MINHA CASA MINHA CARA MINHA VIDA”

A Secretaria de Habitação da Prefeitura de São Bernardo do Campo procurou o Museu da Pessoa manifestando o desejo de registrar as histórias de vida dos moradores dos conjuntos habitacionais que haviam sido inaugurados dentro do programa do Governo Federal “Minha Casa Minha Vida”.

A secretaria nos apresentou a fotógrafa Carol Quintanilha e a produtora Meirake e, juntamente com elas, desenhamos o projeto. Constituímos um grupo de trabalho para desenhar a ação. Vale ressaltar que imediatamente vislumbramos a instalação do “Museu que Anda” nas próprias comunidades atendidas pelo “Minha Casa Minha Vida”.

Inicialmente, o projeto seria desenvolvido nos núcleos habitacionais de Três Marias, Jardim Esmeralda, Jardim Silvina e Sítio Bom Jesus, mas, por falta de recursos, acabou acontecendo somente no núcleo do Jardim Silvina (ex-Oleoduto).

Os objetivos do projeto foram estabelecidos pelo grupo: (1) reconhecer a casa como um processo de maior cidadania; (2) valorizar a comunidade por meio de registro de parte de suas histórias de vida; (3) comunicar as ações para a própria comunidade; (4) fomentar o acesso às ações culturais.

Após vários encontros, o projeto foi tomando corpo, passando a se chamar “Minha Casa Minha Cara Minha Vida”. A proposta consistiu em registrar histórias e o ambiente das casas de pessoas, famílias e comunidades que foram beneficiadas pela política de habitação do município de São Bernardo do Campo. Além dos registros, as próprias comunidades seriam mobilizadas para, como agentes de sua própria história, registrarem outras histórias e imagens de suas habitações. E, como forma de disseminação dos conteúdos produzidos, foram criadas uma coleção virtual no portal, uma publicação e uma instalação, “Histórias nas Paredes”.

O projeto acabou acontecendo em quatro fases. A primeira fase foi de sensibilização e mobilização comunitária. No dia 13/02/2014 a ASP, instituição responsável por contratar o Museu da Pessoa, articulou uma reunião com os síndicos do núcleo habitacional Jardim Silvina e alguns moradores do condomínio, na quadra de uma escola próxima ao conjunto, EMEB Padre Léo Commissari. A ASP fez a mediação entre os moradores, a Secretaria de Habitação e a empreiteira que desenvolveu a obra, mediando, sobretudo, reivindicações e conflitos dos núcleos habitacionais com a prefeitura.

Nesse encontro, foram apresentados o Museu da Pessoa, a proposta de oficina de memória e fotografia e a instalação do Museu que Anda, e aproveitamos para convidar os presentes para participar do projeto e saber o que achavam dele. Foi proposto que cada um dos 46 moradores participantes fizesse a divulgação para os outros moradores do seu prédio.

Os moradores daquele núcleo haviam acabado de se mudar da favela do Oleoduto para os apartamentos e tinham uma série de questões práticas para resolver, como a divisão do valor total das contas de água e luz, as quais vêm por bloco, e havia discordâncias sobre o fato de todos terem que pagar o mesmo valor. Questões práticas de convivência eram prementes naquele momento.

A industrialização de São Bernardo pós-guerra coincide com a inauguração da Via Anchieta, em 1947. A estrada de rodagem atraiu multinacionais e grandes levadas de trabalhadores. A princípio, vieram famílias do interior de São Paulo, Norte do Paraná e Sul de Minas Gerais; as grandes massas de nordestinos viriam nos anos seguintes. O deslocamento populacional originou uma série de loteamentos urbanos ao longo da Anchieta e, entre eles, formou-se a favela Oleoduto.

O primeiro “encontro de memória” foi para sensibilizar os participantes para a importância da preservação da memória e da entrevista de história de vida, bem como para construir uma linha do tempo com os principais momentos da história da localidade. No segundo encontro, foram apresentadas a metodologia de entrevista e a construção do roteiro com os moradores. A ideia era que os próprios moradores fossem entrevistados junto com os entrevistadores do Museu da Pessoa. Nesse encontro, ainda foi elaborada uma lista dos moradores do núcleo habitacional Jardim Silvina considerados, pelas pessoas presentes no encontro, importantes para dar entrevista. Marcia Trezza, formadora do Museu da Pessoa que conduziu esses encontros, avalia que

Houve uma identificação dos moradores com a história de vida de alguns depoentes do acervo do Museu da Pessoa, possibilitando que esses moradores se vissem como protagonistas históricos. Houve também grande envolvimento dos presentes na indicação dos moradores para dar depoimento. Manifestaram o desejo de continuar com os encontros de memória. (www.museudapessoa.net)

Segundo a fotógrafa Carol Quintanilha, “a aula inicial sobre as metáforas e o discurso fotográfico teve uma aceitação muito pertinente e revelou que os moradores têm uma necessidade muito grande de expressão. Focando em quem elas são, o mundo em que vivem e os problemas com que se deparam no cotidiano” (www.museudapessoa.net).

2.2 “MUSEU QUE ANDA” NO JARDIM SILVINA

Inicialmente o local escolhido para a instalação da cabine foi o salão de reuniões do próprio conjunto. Fizemos uma visita prévia para ver as condições do local para a instalação da cabine, que necessita de um espaço

fechado com ponto de luz. A montagem da cabine dura em média quatro horas e como os trabalhos começariam às nove horas da manhã de um sábado, ela precisava ser montada no dia anterior. Algumas pessoas da ASP disseram que não se responsabilizariam pela segurança da cabine e que em algumas ocasiões o salão havia tido suas janelas quebradas.

Evidentemente a instalação deveria ter acontecido no próprio conjunto, para que um número maior de moradores pudesse ter a experiência de conhecer o Museu que Anda. Aqui ocorreu um problema sério de mediação, pois os próprios moradores sensibilizados pelo projeto cuidariam para que a cabine fosse preservada.

O local escolhido então pela própria ASP foi a EMEB Nilo Campos Gomes, que fica ao lado do Conjunto Habitacional.

Cada entrevista na cabine durou em média 30 minutos, e foram 16 moradores entrevistados. No primeiro dia houve pouca visitação, por isso a Secretaria de Habitação acionou a ASP para fazer uma mobilização a fim de que os moradores, mesmo que não fossem dar a entrevista, fossem conhecer a unidade móvel. No segundo dia, a visitação aumentou substancialmente, o que nos levou a realizar uma roda de histórias com os moradores presentes.

A moradora Nilza Mota da Silva foi a que mais participou do processo das entrevistas. Nilza nasceu e cresceu em São Bernardo do Campo, foi separada de seus pais aos seis anos de idade e, junto com os irmãos, foi criada nas Aldeias Infantis SOS. Tem boas lembranças da infância e da adolescência, mas passou por momentos difíceis quando teve que deixar o abrigo, aos 18 anos, e viver por conta própria. Enfrentou a dificuldade de encontrar um lugar para viver e a precariedade de moradias sem estrutura. Hoje, é moradora do condomínio Jardim Silvina e está muito satisfeita com seu apartamento. Seu maior sonho é concluir a faculdade de Assistência Social que está cursando.

Ao entrevistar o morador Laércio Flávio Mendes da Silva, um cigano que nasceu em São Bernardo do Campo, Nilza disse para mim (que estava também como entrevistadora): “Puxa eu achava eles esquisitos, agora comecei a entender esse povo melhor, os seus hábitos” (www.museudapessoa.net).

2.3 RETORNO PARA A COMUNIDADE

Foi realizado um multievento para lançamento dos conteúdos desenvolvidos durante o projeto. O evento foi organizado pelas entidades envolvidas, com ampla divulgação para os moradores do núcleo habitacional, pela ASP.

O conjunto das histórias formou uma coleção no portal do Museu

intitulada “Minha Casa Minha Cara Minha Vida”. O Museu da Pessoa produziu a instalação “Histórias nas Paredes”, que consistiu em espalhar lambe-lambes pelas paredes do núcleo habitacional com trechos das dezesseis entrevistas dos moradores, acompanhados de uma foto do olho de cada entrevistado. No salão do conjunto habitacional, foi montada a exposição com as fotos produzidas na oficina de fotografia. No salão, ainda foi instalada uma televisão que ficava passando, em looping, trechos editados das entrevistas e um computador aberto na coleção do portal do Museu.

Acreditamos que com essa ação os moradores do núcleo habitacional puderam conhecer um pouco da história de seus vizinhos, tanto no sentido de identificação quanto no sentido de compreensão. A maioria dos depoimentos apresenta uma trajetória de dificuldades enfrentadas na vida, na qual a moradia sempre foi um desafio. Mais do que um local para morar, o “novo apartamento” significou o triunfo de sua própria história de vida.

Essas histórias estão preservadas e disseminadas no acervo do Museu da Pessoa, mas ficou o desafio de possibilitar que elas possam ser utilizadas como desenvolvimento daquela comunidade.

Esse processo me fez refletir sobre o papel de cada representante das entidades envolvidas no desenvolvimento do projeto e na relação com a comunidade. Oportunas, ainda, são as definições de José Marcio Barros sobre mediação:

além de sua dimensão técnica e pedagógica, a mediação é sempre uma questão ética e política que se efetiva na relação direta com os sujeitos, por vezes tomados como públicos, outras vezes como parceiros, constituindo o que pode ser chamado de nível das realizações. Mas a mediação deve ser reconhecida também na arquitetura dos encontros, definida como a dimensão das concepções, dos conceitos e das curadorias que desenham os objetos colocados em frente ao sujeito. [...] Os mediadores são, nessa perspectiva, os operadores pelos quais os sentidos se tornam reconhecíveis, compreendidos e reconstruídos, abarcando tanto os estrategistas quanto os operadores das ações e das interações. Isso explica o fato de que as práticas de mediação tenham se transformado em espaços culturais para a atuação de profissionais de diversas áreas do conhecimento humano e não apenas um campo exclusivo da figura tradicional do educador e/ou pedagogo.

(Barros, 2014, p.14)

A instalação da unidade móvel no Jardim Silvina e a disseminação das histórias coletadas, ainda que apenas no dia do evento, nos fizeram constatar que o Museu da Pessoa pode funcionar como um laboratório, propiciando experiências para os públicos envolvidos.

O museu deve ter mentalidade aberta para se permitir explorar alternativas de acordo com a contemporaneidade, desmontando os discursos hegemônicos, chegando às comunidades com humildade intelectual para incluir todas as expressões, conseguindo entender e assimilar as novas

estéticas, as manifestações culturais que se transformam para enriquecer os processos artísticos. Esse desafio nos permite questionar se o museu deve ser concebido como algo mais do que a edificação que abriga e salva-guarda o patrimônio cultural, para ser pensado a partir das pessoas e do território. É por isso que as áreas missionárias dos museus devem dirigir suas ações de forma contundente e direta para as comunidades, mas não desenvolvendo processos a partir do escritório, mas sim com a participação direta dos públicos (Espinosa, 2013, p. 63).

Podemos entender, a partir dos depoimentos registrados com os moradores do Jardim Silvina, que cada moradia é um museu. As ações lá desenvolvidas foram um convite aos moradores a visitarem/experienciarem suas próprias casas com esse olhar.

3. OUVIR O OUTRO PODE MUDAR O SEU JEITO DE VER O MUNDO: “TRANS HISTÓRIAS”

Com maior divulgação na imprensa, na internet e em outros canais e, sobretudo, pelos vinte anos de existência, começamos, nos últimos anos, a ser procurados por várias entidades e grupos que querem registrar suas memórias em nosso estúdio e preservá-las. Vale ressaltar que essa demanda ao Museu vem de várias localidades, grupos e instituições do país, mas neste estudo estamos focando o programa “Conte sua História”, situado na cidade de São Paulo, enquanto instalação física.

Esse tipo de demanda está em consonância com as novas questões que se colocam no campo da museologia e que implicam o comprometimento dos museus com as questões sociais atuais. Dentro dessa perspectiva, passamos a oferecer cinco vagas para cada entidade – ONG, grupo, movimento, rede, coletivo – que nos procura, para registrar suas histórias.

No início de 2014, fomos procurados pelo advogado Barry Michael Wolfe, idealizador e Diretor do Instituto Cultural Barong, para captar histórias de vida de travestis e transexuais apoiados pelo programa “SOS Dignidade”, um projeto não governamental do Instituto. O objetivo da entidade é resgatar a dignidade de indivíduos vítimas de tráfico humano, exploração, violência, DST/HIV/AIDS e discriminação, que têm seus direitos humanos, civis e políticos fundamentais expropriados.

Esse encontro logo se transformou em uma parceria para captação das histórias das transexuais e travestis que trabalham principalmente na rua Major Sertório, região central da cidade de São Paulo. Para iniciar as gravações com as travestis e transexuais, apresentamos primeiro a metodologia do Museu da Pessoa para os interlocutores do Instituto. Num segundo momento, procuramos conhecer o perfil e histórico das pessoas que seriam entrevistadas e elaboramos em conjunto o roteiro de entrevista.

Numa terceira etapa, foram agendadas as entrevistas com as travestis e transexuais por uma representante da Barong.

Na chegada da entrevistada, mostrávamos o Museu e conversávamos sobre como seria a entrevista. Na sequência foram preenchidas as fichas de cadastro da entrevista e da entrevistada, bem como foram selecionadas as fotos trazidas para serem escaneadas. O primeiro contato do Museu com os entrevistados é na hora que fazemos o agendamento da entrevista, momento em que são feitas algumas perguntas para traçar o perfil do entrevistado. Assim a mediação direta do entrevistado com o Museu ocorre sobretudo através do entrevistador, que mostra e explica o que é o Museu da Pessoa e faz a entrevista. Aqui faz-se necessário destacar outros profissionais que fazem parte desse circuito de mediação e experimentação entre o Museu da Pessoa e o entrevistado, como recepcionista, cinegrafista e outros profissionais que circulam pelo espaço do Museu.

A última pergunta do roteiro de entrevista é “O que você achou de contar a sua história de vida para o Museu da Pessoa?” Importante assinalar que as respostas a essa pergunta ora funcionam como um indicador de como foi a experiência de contar a história, ora como um balanço da trajetória de vida da pessoa entrevistada.

Como exemplo, algumas respostas dadas à última pergunta:

Penélope Jolie Silva de Oliveira

Eu acho que é válido contar a minha história pro Museu da Pessoa, porque todo mundo tem que ter uma história na vida, e eu acho que a minha história um dia pode servir de exemplo pra alguém no amanhã, pra que ela possa, se ela tiver algum tipo de problema parecido com o meu, ter um discernimento de sair daquele problema e seguir em frente, não ficar parada ali. Então, um pouco da minha história de vida pode servir pra história de vida de alguma outra pessoa. É isso. (www.museudapessoa.net)

Heloísa Alves Belfort

Foi bem legal, gostei, às vezes, posso ter feito umas coisas horrorosas, mas eu gostei de contar a minha história, é bom contar. Eu não gosto muito de contar para as pessoas lá, porque tem pessoas que ficam falando: “Ê presidiária, você que fez aquela chupetinha de cinco reais”, querendo usar as coisas da minha vida para me humilhar, para me tirar, brincadeiras chatas comigo, entende? Então, eu não conto muito, mas às pessoas que me conhecem bem, que às vezes têm tempo de me escutar, eu falo das coisas que eu já passei na vida, de quando eu fui presa, dos policiais. Elas me conhecem como “Quebra-quebra” porque eu quebrei muito carro, eu discutia com os policiais, eu enfrentava eles, quando eles judiavam das minhas amigas. (www.museudapessoa.net)

Patrícia Araújo

Bem legal! Ela me trouxe a lembrança de vender shortinho, me lembrei de uma vez agora, ó, fazia tempo que eu não lembrava, eu brincando com uma amiga minha caí no arame farpado, rasguei todas as minhas costas. Lembrei dos pés de limão, lembrei das festas de carnaval. Pra mim foi muito legal, bem agradável, bem gostoso. Foi bom, muito bom! (www.museuda-pessoa.net)

O conjunto das histórias pode ser acessado pela coleção virtual que está no portal chamado “Trans Histórias”. A coleção “Trans Histórias”, desde o seu lançamento até 24/04/2015, teve um total de 877 acessos no Portal do Museu da Pessoa e a história enviada pelo internauta João W. Nery, o primeiro trans homem do Brasil, teve um total de 811 acessos. Essa história chegou no Museu da Pessoa por conta da repercussão que o projeto teve na mídia/imprensa, sendo divulgado em sites como o Catraca Livre e a Folha de São Paulo³.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar desenhar algumas ações para o Programa “Conte sua História” e para a abertura das portas do Museu para o público em geral, voltamos-nos para a construção da cabine de captação – “Museu que Anda”. Um museu que vai até as pessoas para gravar suas histórias de vida e que exhibe o seu acervo, especialmente para aquelas pessoas que pouca ou quase nenhuma oportunidade têm de ir a um museu ou a uma exposição.

Novos públicos batem à porta do Museu e novas parcerias se formam, reafirmando a vocação do Museu para contribuir com o rompimento das barreiras do preconceito, por meio da preservação e da disseminação das histórias de vida de toda e qualquer pessoa, fomentando o exercício da tolerância que nasce da escuta da história de vida do outro.

A partir das questões levantadas, e principalmente pela sua trajetória histórica, considero que o Museu da Pessoa pode funcionar como um laboratório⁴, proporcionando experiências em vários locais, com os mais diferentes públicos. Ou seja, pode provocar pessoas, grupos, coletivos, comunidades a experienciarem os próprios museus, a partir de suas histórias de vida.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, José Marcio. “Aos Leitores”. Revista Observatório Itaú Cultural, nº 8 (abr./jul. 2009), São Paulo: Itaú Cultural, 2009.
- BARROS, José Marcio. “Mediação, Formação, Educação: duas aproximações e algumas proposições”. Revista Observatório Itaú Cultural, nº 15 (dez. 2013/maio 2014) São Paulo: Itaú Cultural, 2014.
- BHABHA, Homi K. *Nation and narration*. Londres: Routledge, 1977.
- BOTELHO, Isaura e OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos. “Centros Culturais e a Formação de Novos Públicos”. Percepções: cinco questões sobre políticas culturais. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.
- CERQUEIRA, Luiz A. (Museu da Pessoa). *Memórias do Trabalho: depoimentos sobre profissões em extinção*. São Paulo: CNM - Confederação Nacional dos Metalúrgicos, 1999.
- CHAGAS, Mário. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *O Direito à Memória*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.
- EIDELMAN, Jacqueline; ROUSTAN, Melánie; GOLDESTEIN, Bernadette (org.). *O lugar do público: sobre o uso de estudos e pesquisas pelos museus*. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2014.
- ESPINOSA, Carlos Edwin Rendón. “O museu, algo mais do que abrigar o patrimônio: o caso de museu e territórios no Museu de Antioquia”. Revista Observatório Itaú Cultural. nº 15 (dez. 2013/maio 2014), São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- FARIA, Hamilton e SOUZA, Valmir de (org.). *Cidadania Cultural: leituras de uma política pública*. São Paulo: Pólis, 1997.
- HENRIQUES, Rosali e WORCMAN, Karen. “A experiência do Museu da Pessoa: a organização da memória social em formato digital” (palestra proferida durante o IV Colóquio Internacional de Ciências de la Documentación). In: FRIAS, José; TRAVIESO, Crispulo (org.) *Tendências de Investigación en Organización del Conocimiento*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2003.
- HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. *Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Arquitectura, e Geografia, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *A república dos bons sentimentos*. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2009.
- MALIN, Mauro (Museu da Pessoa). *Memórias do Comércio*. São Paulo: FCESP: SESC: SENAC: SEBRAE, 1995.
- MARINAS, Jose Miguel. “La identidad contada”. In: *Destinos del relato al fin del milenio*. Valência: Archivos de la Filmoteca, 1995.
- MARTÍN-BARBERO. “Desafios Políticos da Diversidade” Revista Observatório Itaú Cultural, nº 8 (abr./jul. 2009), São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

- MIRANDA, Danilo Santos de (org.). *Memória e Cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC, 2007.
- PAMUK, Orham. *O Museu da Inocência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PENA, Jacques de Oliveira; MELLO, Clailton José. “Tecnologia social: a experiência da Fundação Banco do Brasil na disseminação e reaplicação de soluções sociais efetivas”. In: *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Bancodo Brasil, 2004.
- POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. “História Oral Brasileira: trajetória e perspectivas”. *Revista de Teoria da História*, ano 3, nº 6, dez. 2011 (Universidade Federal de Goiás).
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WORCMAN, Susane (org.). *Heranças e Lembranças: imigrantes judeus no Rio de Janeiro*. [coordenação de pesquisa de objetos, Aiala Feller; coordenação de história oral e documentação, Karen Worcman], Rio de Janeiro, 1991.
- WORCMAN, Karen; VASQUEZ PEREIRA, Jesus (org.). *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: SESC-SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- WORCMAN, Karen; HARASAWA, Ely (org.) *Brasil Memória em Rede: um novo jeito de conhecer o país*. São Paulo: Museu da Pessoa: Itajaí, SC: Editora Casa Aberta, 2010.
- WORCMAN, Karen; OLIVEIRA, Cláudia Leonor de (Museu da Pessoa). *Comércio em São Paulo: imagens e histórias da cidade*. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

WEBGRAFIA

observatoriodadiversidadecultural.org.br
www.museudapessoa.net
catracalivre.com.br
www1.folha.uol.com.br